

RESENHA

Antonio Carlos Valentini
antoniocarlos.valentini@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6645-2275>
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná, Campus Pato Branco, Paraná,
Brasil

MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene (org.). **Linguagem e trabalho educacional: textos e trabalho docente.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

Linguagem e Trabalho Educacional: Textos e Trabalho Docente (2019), organizada pela Prof^a Dr^a Siderlene Muniz-Oliveira, é uma obra composta por uma compilação de artigos concebidos na disciplina “Linguagem: Educação, Trabalho e Cultura” do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, nos anos de 2016 e 2017. A obra está subdividida em duas grandes Partes, *Textos e Ensino* e *Trabalho Docente*, com cinco capítulos cada. Além disso, dispõe-se do Prefácio, com uma breve mensagem de apresentação da obra e de cumprimento a todos os envolvidos, escrita pelo Prof^o Dr^o Anselmo Lima; e Posfácio, com adendos e conclusões da coautora de capítulos deste livro, Prof^a Dr^a Didiê Ana Ceni Denardi.

A Parte 1 da obra, *Textos e Ensino*, possui informações que abrangem todos os níveis de ensino – desde material didático para o ensino básico até gêneros produzidos no ensino superior (graduação e mestrado) –, servindo como base metodológica a professores e como material de estudo e leitura a interessados em estudos sobre gêneros textuais/discursivos; baseando-se nas capacidades de linguagem (capacidade de ação, discursiva, linguístico-discursiva e de significação) da abordagem teórica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que tem Jean-Paul Bronckart como um dos pesquisadores principais. Assim, a obra atenta à importância do estudo de alguns gêneros, tais como: resumo, tiras em quadrinhos, cartas ao editor, notícia fictícia e introdução de dissertação de mestrado. Por sua vez, na Parte 2, *Trabalho Docente*, as autoras argumentam acerca do trabalho do professor de línguas, suas práticas pedagógicas (dificuldades, desafios e emoções), baseando-se também no ISD e em seus respectivos autores, além da Clínica da Atividade – que tem Yves Clot como um dos pesquisadores principais –, dentre outros aportes teóricos.

No primeiro capítulo, *Resumo: objeto de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa*, Adriane Silva dos Reis e Didiê Ana Ceni Denardi relatam sobre uma experiência de ensino em Língua Inglesa (LI) que culmina na produção de resumos do conto *A Marriage of Convenience* (Casamento por Conveniência) com um grupo

de alunos do 2º ano, pertencentes a uma escola de idiomas. Os resumos produzidos por esses alunos são escritos respeitando-se a sequência narrativa. Faz-se uma análise da aprendizagem de escrita de resumos em LI a fim de diagnosticar as capacidades de linguagem: capacidade de ação, discursiva e linguístico-discursiva. Isso contribui para a compreensão de quais são as causas das dificuldades dos alunos durante a produção de textos, podendo-se propor atividades para o desenvolvimento dessas capacidades. Assim, observa-se que o trabalho educacional com o gênero *resumo* na aula de escrita inglesa propicia aos alunos melhores capacidades de leitura e produção textual, ampliando, além disso, seus conhecimentos sociais e culturais.

No capítulo 2, *Tiras em quadrinhos: um gênero a ser discutido no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa*, Andréia Roberta Rossi Colet e Siderlene Muniz-Oliveira identificam as características do gênero *tiras em quadrinhos* – originado das histórias em quadrinhos – para sua subsequente utilização e produção nas aulas de LI. Observa-se que elas contêm o verbal e o visual em um mesmo enunciado e são voltadas ao grande público por vincularem temas cotidianos, situações reais, predominando a crítica, o humor, os comportamentos e valores. Dessa forma, propicia a diversão ao mesmo tempo em que leva o leitor à reflexão crítica, possibilitando aos alunos percepção da realidade na qual estão inseridos. Logo, segundo as autoras, o aprendizado de LI está relacionado justamente com essa interação dos alunos: ao uso real da língua no contexto social.

No capítulo seguinte, *Cartas ao editor: uma ferramenta para o ensino-aprendizagem de Língua Inglesa*, as autoras Taynan Paz Ribeiro da Silva e Didiê Ana Ceni Denardi analisam o gênero textual *carta ao editor*, evidenciando elementos das capacidades de linguagem, como a capacidade de ação e a de significação, também nessa perspectiva de ensino-aprendizagem de LI. Enfatizam que o gênero em questão auxilia na criticidade do aluno, possibilitando a formação de opinião através de discussões sobre temas atuais; ultrapassando o trabalho linguístico/gramatical e envolvendo as práticas sociais. Isso ocorre devido ao fato de que a *carta ao editor* é um espaço cedido por jornais, revistas, etc. a leitores interessados em revelar sua opinião sobre determinado tema. Esses respondem a uma matéria de seu interesse divulgada por um desses meios de comunicação. Assim, tornam-se sujeitos ativos e participam das problemáticas grupais, políticas e ideológicas. Nesse sentido, existem várias temáticas a serem abordadas, tal como a questão do uso dos banheiros escolares e públicos por pessoas transgêneras, apreciada nesse capítulo.

Em *A identificação do humor marcado pelo contexto de produção e inserção de vozes em uma notícia fictícia*, capítulo 4, Anaís Andrea Neis de Oliveira objetiva-se a constatar o modo como a capacidade de ação e a capacidade linguístico-discursiva localizam-se articuladas na produção da *pseudonotícia* – gênero híbrido que diverte e ao mesmo tempo noticia. A autora foca no modo como o contexto de produção e a inserção de vozes podem atuar na produção de humor em uma notícia – comprovando-se sua ficticidade. Além disso, reflete sobre o papel fundamental da linguagem no desenvolvimento humano. Dessarte, assim como os outros capítulos, esse pode servir como ponto de partida para a elaboração de modelos didáticos dos gêneros, neste caso, o gênero *pseudonotícia*, o qual é difundido pela internet e redes sociais.

No último capítulo (5), *Gênero dissertação de mestrado: um olhar sobre a seção introdução*, da Parte 1 do livro, Paola Talite Clein procura identificar como ocorrem as marcas de pessoa na seção *Introdução*, mostrando os caminhos a serem trilhados no desenvolvimento de texto pertencentes ao gênero *dissertação de mestrado* – trabalho final e de caráter obrigatório para a conclusão de uma pós-graduação, *stricto sensu* – no campo linguístico-discursivo. Outrossim, busca comparar semelhanças e diferenças no modo como pesquisadores de duas diferentes áreas (Letras e Engenharia Mecânica) põem-se diante da seção *Introdução*, sendo analisadas cinco dissertações na área de Letras (Linguística) e cinco na área das Engenharias (Engenharia Mecânica) como *corpus* da pesquisa.

Nesse contexto, são feitas contagens de como ocorrem as marcas de pessoa (1ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e forma impessoal). Constata-se que as marcações de pessoa mais frequentes no *corpus* de Letras são as de 1ª pessoa do plural (nós), 190 vezes; enquanto no *corpus* de Engenharia Mecânica, a forma mais detectada é a impessoal (15 vezes), não sendo avistada nenhuma das outras formas. Portanto, essas diferenças em números, escolhas e tipos de escrita – nas abordagens teóricas das duas áreas – estão relacionadas com os gêneros do discurso e sua relatividade. Nas pesquisas das ciências humanas, por terem uma abordagem mais qualitativa, existem maiores ocorrências pessoais, mesmo que a recomendação para textos científicos seja torná-los o mais impessoal possível. Tudo isso corrobora para a compreensão básica de como se organizam essas introduções e mostra como pode haver variações dentro de produções que pertencem a um mesmo gênero, o que pode despertar a curiosidade de estudantes do gênero e de redação acadêmica.

No primeiro capítulo da Parte 2, o 6, *Marcas de emoção presentes no discurso de professores quilombolas*, Daniele Aparecida Bueno de Lima de Chaves, Márcia Andréa dos Santos, Maria de Lourdes Bernartt e Siderlene Muniz-Oliveira investigam o modo como as marcas de emoção, no discurso de professores de uma escola quilombola, contribui para o robustecimento da identidade cultural do quilombola. Do mesmo modo, buscam averiguar se há diferenças entre o discurso de professores quilombolas e não quilombolas quanto à ligação com os alunos e a escola. Nesse intuito, são apresentados saberes sobre cultura, identidade, trabalho do professor – na concepção de Machado (2007) – e a importância do estudo das emoções contidas na linguagem. Para identificar-se as marcas de emoções, analisa-se o discurso afetivo, caracterizado pela perspectiva linguística – sintaxe, vocabulário (substantivos, adjetivos, verbos e diminutivos) –, e extralinguística – entonação, gestos de proximidades. Ao defrontar-se com as análises, depreende-se que as marcas de emoção desses professores contribuem muito para com o “ser quilombola”, pois esses sempre buscam melhorias e preocupam-se com a qualidade do ensino, visto que os alunos e comunidade participam ativamente da escola e da vida coletiva. Desse modo, o ambiente torna-se nutrido de união e educação, além de reestabelecer a riqueza cultural afro. Ademais, transparece-se que há diferenças entre a escola quilombola e as outras, dado que a primeira, em todo o seu conjunto, possui uma ligação fortíssima entre seus membros e luta pela oportunidade de ter sua própria versão da história afro, sentindo-se parte efetiva da sociedade.

No capítulo subsequente, o 7, *Formação continuada docente: a semana pedagógica a partir do viés de um trabalhador*, Sirlei Rodrigues e Siderlene Muniz-Oliveira apresentam conceitos teóricos, com a Ergonomia da Atividade e a Clínica da Atividade, a fim de discutir sobre o trabalho docente e a indispensabilidade da formação contínua – tudo que lhe possibilite pensar sua própria atividade. Seguidamente, exibem a análise de um texto oriundo de um método desenvolvido pela Clínica da Atividade, denominado *Instrução ao Sósia*, efetuado com uma pedagoga, questionando sobre a formação continuada conhecida como Semana Pedagógica (SP) e identificando de que forma esta acontece e o que causa descontentamento aos organizadores e participantes. Na aplicação desse método, ao verbalizar sua atividade, o entrevistado reflete sobre o que faz, o que deixa de fazer e o que poderia fazer diferente; pois, supõe-se que, numa situação fictícia, o entrevistador seja seu sósia e, como se este fosse lhe substituir, o entrevistado ensina como ele (entrevistador) deveria proceder. Ao fim das ponderações, verifica-se que a SP segue um modelo de treinamento considerado “antigo”, já que se trata de um modelo implantado em 1990 e, segundo as autoras, com temáticas repetitivas, no qual cabe à equipe apenas conhecer o que está previamente organizado por instâncias superiores. Nessa perspectiva, a pedagoga conta que a SP não se dá de maneira adequada, porque não atende às expectativas locais e às realidades cotidianas.

No capítulo 8, *O agir docente na escola quilombola*, de Soelene de Fátima Brovoski Modolo, Márcia Andrea dos Santos e Siderlene Muniz-Oliveira, procura-se compreender o trabalho docente na escola quilombola, levando-se em consideração seu contexto sócio-histórico de voz minoritária. As autoras apoiam-se nas discussões sobre as relações entre fatos culturais e classes sociais (CUCHE, 1999) e nas proposições de Veiga-Neto sobre cultura, pelas quais podemos compreender a mudança que o conceito de cultura sofre ao longo do tempo. Ainda, nos é exposto o quanto o coletivo é importante na configuração do agir docente. Nesse enlace, as autoras denotam um “agir afetivo” e um “coletivo de trabalho” – identificados nos membros dessa comunidade –, os quais reafirmam a reconstituição dessa cultura, dessa identidade, e o prazer em vivenciá-la, produzindo uma sensação de pertencimento. Afinal, na busca pela igualdade de um povo que foi historicamente inviabilizado pela cultura dominante, as escolas indígenas, quilombolas e de campo têm muito a ensinar.

Solange Ariati, em *O trabalho docente e a dificuldade da tarefa não realizada pelos alunos*, capítulo 9, investiga o processo que há no professor (impacto psicológico) quando os alunos não realizam uma determinada tarefa prescrita. Para isso, move um conjunto teórico constituído por pesquisas sobre atividade docente, como as de Souza-e-Silva (2002) e as de Vigotsky (2010); também, por teorizações do campo da linguagem e da filosofia da linguagem, como as de Cristovão e Stutz (2011) e Bakhtin e Volochínov (2009). Além disso, a autora delimita-se ao estudo da capacidade de significação, uma das capacidades de linguagem inerentes ao ISD, por evidenciar a questão emocional que atravessa a atividade do docente nessa situação de desengajamento do aluno. Os dados analisados são oriundos de um método denominado *autoconfrontação simples*, desenvolvido pela abordagem teórica Clínica da Atividade de Clot (2006), a qual consiste em colocar o sujeito diante de sua própria imagem e levá-lo a examinar

sua atividade, seu trabalho. Averigua-se que, quando há uma dificuldade contínua no âmbito de trabalho, que não é resolvida, esta aflige o professor, mesmo que o prejuízo em termos de aprendizagem seja do aluno. Nesse ponto de vista, a autoconfrontação tem por função levar o docente a vislumbrar novas possibilidades, ajudando-o no desenvolvimento de seu ofício.

Por fim, no capítulo 10, *(Re) planejamento da atividade docente: uma análise discursiva*, escrito por Solange Ariati, Paola T. Klein, Priscila C. Alessio, Taynan P. R. Silva e Yohanna H. K. Kühn, são apresentados os resultados de uma análise de texto – *corpus* piloto da tese de doutorado de Muniz-Oliveira (2011) – que tem como meta compreender os aspectos do trabalho docente por meio da identificação de obstáculos e soluções no processo de elaboração e reelaboração das prescrições no agir do professor, tendo em vista que “é em função da reação dos alunos em sala de aula que o docente planeja e replaneja suas aulas” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2019, p. 244). Parte-se da problemática da distância entre o trabalho prescrito e o realizado no viés da Ergonomia da Atividade. No presente estudo, utiliza-se, novamente, o método de *instrução ao sócia*. Aprecia-se que, “com o que o professor chama de ‘método de trabalho’, ele é capaz de afetar a organização do trabalho por sua própria iniciativa, sentindo-se ativo” (*Ibidem*, p. 246), recriando instrumentos na tentativa de atender às demandas do real que surgem na situação concreta de trabalho, ou seja, na sala de aula.

Retomando a ideia do início do Prefácio, de Anselmo Lima, *Linguagem e Trabalho Educacional* trata-se, portanto, de um trabalho brilhante, muito bem preparado por suas autoras-professoras, e um aperitivo de mão-cheia para seus degustadores, entusiastas da língua e da educação. Suas informações, frutos de estudo e pesquisa de todo um projeto interdisciplinar, estão dispostas em 258 páginas de muito conhecimento e aprendizado.

Recebido: 24 abr. 2020

Aprovado: 03 dez. 2021

DOI: 10.3895/rtr.v6n0.12071

Como Citar: VALENTINI, A. C. Resenha: MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene (org.). *Linguagem e trabalho educacional: textos e trabalho docente*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 6, e2112071, p. 1-5, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.utfrpr.edu.br/rtr/>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Antonio Carlos Valentini

antoniocarlos.valentini@gmail.com

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

